

VIERTLER, Renate Brigitte. 2018.
**Os Fundamentos da Teoria Antropológica Alemã.
Etnologia e Antropologia em Países de Língua
Alemã, 1700-1950.**

São Paulo: Annablume, 316 p.

Erik Petschelies^a

A mais recente obra de Renate Brigitte Viertler, professora de antropologia na Universidade de São Paulo (USP), *Os Fundamentos da Teoria Antropológica Alemã. Etnologia e Antropologia em países de língua alemã, 1700-1950*, posiciona-se no interior de um corrente movimento de renovação de interesse pela antropologia alemã por parte da academia brasileira, do qual resultam artigos, dossiês e tese, bem como traduções de textos antigos (Petschelies 2018, 2019a, 2019b; Sanjad 2019; Schröder 2019a, 2019b; Vermeulen, Pinheiro & Schröder 2019; Viertler 2019; Welper 2013, 2018 – em menos de uma década). O livro de Viertler, entretanto, destaca-se por ser a primeira publicação em língua portuguesa inteiramente dedicada às bases filosóficas sobre as quais assentaram-se duas disciplinas científicas na

^a Doutor em Antropologia Social (Unicamp). Pós-doutorando em Antropologia na Universidade de São Paulo, com financiamento da FAPESP: processo 2019/18641-9. Email: erik.petschelies@gmail.com. Orcid: 0000-0001-7659-7999.

Alemanha, uma devotada ao estudo das diferenças biológicas entre os seres humanos, a antropologia física – *Anthropologie* vernacular – e a outra às interpretações teóricas das manifestações sociais e culturais, a etnologia ou *Ethnologie* ou ainda *Völkerkunde*, quando esta abarcava também a descrição dos fenômenos observados, a *Ethnographie*.

A origem dos conceitos elaborados para a compreensão da diversidade cultural e biológica empiricamente observável representa precisamente o princípio da obra. Deste modo, o livro, que é composto por treze capítulos, é dividido em duas partes. A primeira, abrange o período iniciado pelos postulados filosóficos *a priori* de Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1712) na virada do século XVII ao XVIII às contribuições da Geografia do século XIX. É notável que a obra não apenas compreenda 250 anos de produção intelectual – teórica e empírica, filosófica, linguística, geográfica, antropológica e etnológica – como também a situa em relação ao seu contexto histórico e social, de modo a elaborar uma constelação teórica imbricada com seus condicionantes sociais e políticos e em diálogo com as influências intelectuais presentes no horizonte das possibilidades, para dessa maneira, evitar interpretações anacrônicas e construir uma história dos conceitos de acordo com as transformações intelectuais e sociais. Resulta dessa abordagem uma constituição ramificada da história da antropologia, em que múltiplos diálogos, influências mútuas, extensões e reinterpretações são evidenciadas. O livro principia, portanto, bastante suportado pela notável obra *Before Boas* de Han Vermeulen (2015), por apresentar os estudos linguísticos de Leibniz e o uso da linguística como documento histórico. Guiados pelos preceitos filosóficos de Leibniz e sustentados pelo contexto social embebido pela *Aufklärung*, o Iluminismo alemão, o naturalista Daniel Messerschmidt (1685-1735) realizou pesquisas etnográficas na Sibéria enquanto o historiador Gerhard Friedrich Müller (1705-83) inventou o conceito de *Völker-Beschreibung*, isto é, descrição dos povos, e empreendeu um programa científico sistemático. Outro historiador, August Ludwig von Schlözer (1735-1809), transformou o conceito de Müller em *Völkerkunde*, nome que designou moderna-

mente a etnologia. O terceiro capítulo trata da antropologia física de Immanuel Kant (1724-1804) e de sua relação com a geografia, além da emergência do conceito de raça. Este é precisamente o conteúdo das páginas seguintes, que contemplam as proposições de Johann Friedrich Blumenbach (1752-1840), Johann Forster (1729-98) e seu filho Georg (1754-94), além de Christoph Meiners (1747-1810) sobre as variedades humanas. O próximo capítulo afasta-se do racialismo, mas não exatamente de Kant, ao enfatizar as contribuições fundamentais de seu pupilo, Johann Gottfried Herder (1744-1803), para a literatura e etnologia. A ele, sobretudo, deve-se a afirmação das unidades física e psíquica da humanidade, ou seja, da unicidade do gênero humano que compartilha mecanismos mentais, mas que se expressa em diferenças culturais, uma vez que cada povo tem seu próprio espírito (*Geist*). Justamente sobre a ideia de que os mecanismos mentais são compatíveis a toda a humanidade, e que, portanto, das capacidades mentais inatas emergem as línguas, Wilhelm von Humboldt (1767-1835), objeto do capítulo sexto, fundou sua linguística e antropologia comparadas, e que se propôs a aferir ‘caráteres nacionais’ – um desenvolvimento do conceito de espírito do povo (*Volksggeist*) de Herder. Os últimos dois capítulos da primeira parte são dedicados, respectivamente, às contribuições da literatura romântica, da filosofia da natureza, bem como da geografia ao desenvolvimento de estudos etnográficos.

A segunda parte da obra é inaugurada com o nono capítulo, que avalia o contexto intelectual do século XIX: a filosofia da natureza, o método científico, o darwinismo, a sociologia, a psicologia e a linguística. Em seguida, as obras do antropólogo físico Gustav Klemm (1802-67) e psicólogo social Theodor Waitz (1821-64) são resumidas, sobretudo no que tange o desenvolvimento do conceito de raça e sua relação com a cultura e a unidade da espécie humana. Os capítulos onze e doze apreciam as obras dos dois grandes nomes das ciências do homem: o antropólogo Rudolf Virchow (1821-1902) e o etnólogo Adolf Bastian (1826-1905), juntos fundaram a Sociedade de Etnologia, Antropologia e Pré-História de Berlim (*Berliner Gesellschaft für*

Anthropologie, *Ethnologie und Urgeschichte*) e a Revista de Antropologia (*Zeitschrift für Ethnologie*). Bastian, além de fundar o importante Museu de Antropologia de Berlim em 1872 e ter sido seu diretor até seu falecimento, impactou significativamente pensadores fundamentais do século XX, como Franz Boas (1858-1942) e Carl Gustav Jung (1875-1961), com seus conceitos de pensamentos elementares (*Elementargedanken*) e pensamentos étnicos (*Völkergedanken*), os segundos um desdobramento local dos primeiros, que são sementes de pensamentos inatos. O capítulo final desenha as repercussões das teorias de Virchow e Bastian, dentre outros intelectuais, sobretudo no que tange seu antagonismo científico, e que se tornou a mais conhecida corrente da etnologia alemã, a saber, o difusionismo.

Em virtude da capacidade da autora em sintetizar e conectar um volume enorme de conceitos e suportes teóricos, resulta uma obra capaz de apresentar coerentemente uma produção intelectual por vezes antagônica e difusa. Precisamente por conta desta capacidade analítica teria sido de mais interesse se a professora tivesse se fundamentado mais em literatura primária do que em obras de referência. Além disso, a narrativa é ocasionalmente perfunctória. Embora o livro almeje apresentar 250 anos de teoria antropológica, aos últimos 50 anos lamentavelmente apenas 26 páginas, menos de 10% do total, foram dedicadas e as importantíssimas pesquisas etnológicas de Karl von den Steinen (1855-1929), Paul Ehrenreich (1855-1914), Max Schmidt (1874-1950), Theodor Koch-Grünberg (1872-1924) e Curt Nimuendajú (1883-1945) sequer foram listadas. Apesar disso, *Os Fundamentos da Teoria Antropológica Alemã* é de validade para disciplinas de teoria antropológica e história da antropologia em cursos de graduação e especialmente de pós-graduação, sobretudo por revelar a leitores e leitoras de língua portuguesa as concepções epistemológicas e a história das construções teóricas mais importantes de uma das quatro grandes tradições nacionais da antropologia, a qual ao lado da inglesa, norte-americana e francesa, foi de fundamental importância para a constituição da antropologia no Brasil.

Referências:

- PETSCHLIS, Erik. 2018. "Karl von den Steinen's Ethnography in the Context of the Brazilian Empire". *Sociologia & Antropologia*, 8(2):543-569.
- PETSCHLIS, Erik. 2019a. *As Redes da Etnografia Alemã no Brasil (1884-1929)*. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- PETSCHLIS, Erik. 2019b. "Theodor Koch-Grünberg (1872-1924). A 'Field Ethnologist' and his Contacts with Brazilian Intellectuals". *Revista de Antropologia*, 62(1):192-211.
- SANJAD, Nelson. 2019. "Nimuendajú, a Senhorita Doutora e os 'etnógrafos berlinenses': rede de conhecimento e espaços de circulação na configuração da etnologia alemã na Amazônia no início do século XX". *Asclepio*, 71:273-298.
- SCHRÖDER, Peter. 2019a. "'Three Long Rows of Empty Shelves' to Fill. Curt Nimuendajú as Collector and Researcher for Ethnological Museums in Germany". *Revista de Antropologia*, 62(1):212-235.
- SCHRÖDER, Peter (ed.). 2019b. *Os Índios Xipaya: cultura e língua. Textos de Curt Nimuendajú*. Campinas: Editora Curt Nimuendajú.
- VERMEULEN, Han. 2015. *Before Boas. The Genesis of Ethnography and Ethnology in the German Enlightenment*. Lincoln e Londres: University of Nebraska Press.
- VERMEULEN, H., PINHEIRO, C. & SCHRÖDER, P. 2019. "Introduction: German Tradition in Latin American Anthropology". *Revista de Antropologia*, 62(1): 64-96.
- VIERTLER, Renate B. 2019. "Karl von den Steinen's Ethnographic Research among Indigenous Peoples in Brazil, 1884-1888". *Revista de Antropologia*, 62(1):97-113.
- WELPER, Elena M. 2013. "A aventura etnográfica de Curt Nimuendajú". *Tellus*, 13(24):99-120.
- WELPER, Elena M. 2018. "Etnografia e ficção nos relatos de viagens para a América do Sul publicados na revista Globus (1862-1910)". *Indiana*, 34(1):191-204.

Recebido em dezembro de 2021.

Aprovado em julho de 2022.